

Com a Dr. Clarival Director  
Rua Pedro Velloso - Adad

Rio Grande do Norte - NATAL - Junho de 1917

# REVISTA DE ENSINO

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

*"Ninguém emprega tempo e esforço tão bem como o que é consumido em preparar e desenvolver sob o ponto de vista intellectual e moral o nosso atrasado meio brasileiro".*

*Delphin Moreira*

ANNO I - NUMERO 3

DIRECTOR

Professor Luiz Correia Soares de Araujo



COLLABORADORES

Dr. Nester Lima  
Dr. Yarella Santiago  
Dr. Antonio Soares  
Dr. Ponciano Barbosa  
Dr. Moysés Soares

Dr. Alberto Roselli  
Dr. João Soares  
Dr. Vino Bizerra  
Prof. Jeronymo Gueiros  
Prof. Luiz Antonio

Prof. Ivo Filho  
Prof. Tavares Guerreiro  
Prof. Oscar Wanderley  
Prof. Apollinario Barbosa  
Prof. Amphiloquio Camara

TYP. COMMERCIAL - J. PINTO & C. - NATAL



## DR. JOÃO SOARES DE ARAUJO

ADVOGADO

Residencia : Rua Apody --- Cidade Nova

É um dos advogados das creanças amparadas pela Associação Cooperativa do Grupo Escolar *Frei Miguelinho*.

RIO GRANDE DO NORTE — NATAL

## DR. MOYSÉS SOARES DE ARAUJO

ADVOGADO

Residencia: Avenida Rio Branco, 72

É um dos advogados das creanças amparadas pela Associação Cooperativa do Grupo Escolar *Frei Miguelinho*.

Rio Grande do Norte — Natal



## Quadro de — FREI MIGUELINHO PERANTE O TRIBUNAL

---

O quadro representa o momento em que Miguelinho diz ao Conde dos Arcos: « Não, senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nesses papeis são todas authenticas; e por signal que em um delles o o de *Castro* ficou metade por acabar, porque faltou papel.

# REVISTA DE ENSINO

Director--Professor Luiz Correia Soares de Araujo

ANNO I — Rio Grande do Norte — Brazil — Natal, Junho 1917 — NUM. 3

## O QUADRO

— DE —

### FREI MIGUELINHO PERANTE O TRIBUNAL

ENTREVISTA DE UM COLLABORADOR COM  
ANTONIO PARREIRAS.

O nosso illustre collaborador, dr. Alberto Roselli, entrevistou o celebre pintor brasileiro Antonio Parreiras sobre o quadro de Miguelinho, de cujo *croquis* publicamos hoje um cliché.

Esse valioso quadro acaba de ser justamente contractado pelo exmo. sr. desembargador Ferreira Chaves, benemerito governador do Estado, para figurar no salão nobre do Palacio do Governo.

—É exacto que acaba de contractar com o Governo do Estado o quadro de Miguelinho?

—Perfeitamente. Hoje mesmo assignei o contracto a respeito. Encontrei da parte do benemerito desembargador Ferreira Chaves a melhor vontade.

—E quando deverá estar prompta a pintura?

—Deverei entregar o quadro dentro de anno e meio, isto é, em 27 de dezembro de 1918.

—Qual o tamanho?

—Pelo contracto, as dimensões serão tres metros de comprimento por dois de altura. Comtudo, si nesse tamanho não for possivel, pela disposição das figuras, representar Miguelinho em tamanho natural, ampliarei mais a tela, até quatro metros por tres, sem que de forma alguma essa alteração venha a influir sobre o preço do contracto.

—Qual a disposição do quadro?

—Como sabe, pelo *croquis* cuja photographia se vê na pagina e que naturalmente vae ter algumas modificações, a scena representa o momento em que Frei Miguelinho está sendo interrogado pelo Conde dos Arcos.

A figura do Conde é, depois da de Miguelinho, a principal e por isto fil-a destacar sobre um estrado, num fundo luminoso, o que não impede, porém, que o vulto de Miguelinho domine toda a composição, achando-se collocado no primeiro plano e quasi no centro da tela.

O momento preciso que o quadro representa é aquelle em que o Conde dos Arcos, depois de baldadas tentativas para salvar o padre das mãos dos algozes, procura insinuar-lhe, como ultimo recurso, ainda um pretexto para defender-se perguntando-lhe: «O padre não tem inimigos? Não será possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?» Ao que lhe responde pela primeira e unica vez o grande heroe: «Não, senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nesses papeis são todas authenticas; e por signal que em um delles o *o* de Castro ficou metade por acabar, porque faltou papel».

—E o que representam as demais figuras?

—A figura que se vê sentada ao lado direito de Miguelinho representa a surpresa causada em todo o auditorio pela firmeza com que o padre affirmava serem suas aquellas assignaturas, precisando até o insignificante detalhe da letra metade por acabar. Ao fundo, por baixo do estrado onde se acha o Conde dos Arcos, está o escrivão que, tambem surprezo e admirado da energia e firmeza de Miguelinho, suspende, attonito, as notas que estava tomando, revelando, em sua physionomia e no seu gesto, o assombro causado pela resposta.

À esquerda de Miguelinho ha o vulto de um dos juizes que se avança mais para o primeiro plano.

Essa figura que, por assim dizer, fecha a composição, no quadro definitivo deverá reunir em sua expressão o sentimento de admiração, surpresa e piedade pelo martyr da revolução de 1817.

É essa uma das figuras mais difficeis do quadro, porquanto, não só deve ella synthetizar o caracter physico e moral dos homens daquella epocha, como tambem os costumes daquelle tempo.

—Como vae representar os trajés de então?

—Vou copial-os de uma aguarella historica, existente no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Rio, representando um combate em Recife em 1817.

—Conseguiu obter alguns dados para dar a expressão ao rosto de Miguelinho.

—Até agora não encontrei nenhuma gravura da epocha na qual figurasse o perfil do heroe rio grandense. Mas, pelas informações colhidas, pude saber que os traços physionomicos

geraes em toda a familia não variam muito. E por isto vou copial-os de um dos seus collateraes, cuja photographia me foi fornecida.

— Conserva no quadro definitivo a mesma *pose* de Miguelinho que se vê no *croquis*?

— Absolutamente não. O *croquis*, como ligeiro esboço que é, não servirá senão para dar uma ligeira idéa das differentes posições das figuras e será bastante modificado nas attitudes dos personagens.

Miguelinho terá um typo menos arrogante e será, como diz a historia, um verdadeiro apóstolo, com a expressão calma de quem soffre com resignação o sacrificio de ser victima de seus idéaes.

— O quadro será emmoldurado ou não?

— O quadro virá acompanhado de rica moldura em ouro e bronze. Na parte superior, um escudo com as armas do Rio Grande do Norte; e na parte inferior, um medalhão no qual será escripto não só o titulo do quadro «Frei Miguelinho perante o Tribunal» — como tambem uma legenda com aquellas palavras proferidas deante dos juizes.

— Onde vae pintar o quadro?

— Em Paris, no meu atelier, á rua Val de Grace n. 6.

A tela será resistente para ter longa duração. Empregarei da melhor qualidade conhecida até hoje que é de fabricação hollandeza.

Na pintura só me utilizarei de tintas especiaes *Beragné*, que são as unicas que resistem á acção do tempo, sem se damnificarem. A superioridade dessas tintas é constatada pela Academia de Bellas Artes de Dusseldorf.

Não preciso dizer-lhe como vou pintar essa empolgante pagina da historia.

Como sabe, no meu atelier farei, ao vivo, a representação de toda a scena, valendo-me dos meus modelos que serão vestidos a capricho.

Essas vestimentas terão de ser confeccionadas pelo conhecido artista, celebre no genero, mr. Garnier, que é o *costumier* da opera de Paris, ao qual nada terei de recommendar, pois tenho plena convicção que fará um trabalho sem defeitos.



# O ESCOTISMO

Tivemos, ha dias, a rara fortuna de assistir a uma dessas maravilhosas scenas em que a alma brasileira prova que ainda não perdeu de todo o sentimento nacional, nem tudo está, no dizer de muitos, irremediavelmente perdido.

É assim que na aprazível vivenda do bravo e digno marinheiro, capitão de corveta Monteiro Chaves, comparecemos a algumas evoluções militares dos jovens escoteiros, onde vimos algo de um futuro alviçareiro.

O dr. H. Castriçano, a alma creadora, em nosso meio, de tão bella e util instituição, lá estava tambem sentindo conosco essa emoção agradável e confortadora aos espiritos que trabalham pelo levantamento moral do nosso querido Brazil.

É sabido de todos o que tem sido na Inglaterra essa admiravel criação do genio incomparavel do general Baden Powel, chegando mesmo a fazer profundas modificações na organização social desse poderoso paiz.

Agora, num surto de grande patriotismo, lá vem o escotismo derramando-se no seio do Brazil, como que querendo libertar a nossa mocidade desse pessimismo que nos entibia e ameaça arrancar dos jovens corações a palavra de fé republicana.

Como nos devemos sentir bem, vendo que na terra extremecida de Pedro Velho, sob cujo céu vem de fazer-se uma das mais formosas consagrações civicas a Miguelinho e Albuquerque, a juventude se congrega contra essa impetuosa corrente de descrença e desfralda o lábaro estrellado, symbolo formoso de nossa Patria, em breve guardada por essa phalange de heroes educados nas fileiras de tão bella eschola de civismo.

Como seria proveitoso e mesmo patriótico, que os nossos dignos collegas de magisterio primario se tornassem propagandistas do escotismo, considerando-o uma ramificação propriamente dita da arvore frondosa da educação, a cuja sombra se agasalham os que vêem, nesta hora angustiosa, a imagem da Patria como que a se transfigurar nos rostos juvenis daquelles escoteiros!

São os professores primarios, que vivem diariamente em contacto com as crianças, os que melhor poderiam amparar essa instituição, futura eschola complementar de moral e civismo, assumptos de maxima importancia nas leis que ora regulam o nosso ensino primario.

É mister intensificar, cada vez mais, nos corações das crianças essa moral santa, ensinada pelo espirito superior de Julio

Payot cuja obra—*A moral na escola*—representa um evangelho sempre novo para os que moirejam pela solução do momentoso problema da formação do character nacional.

Os jovens escoteiros, uma vez firmados nas suas nobres convicções, contidas naquelle Codigo que elles tanto amam, será, de futuro, um desses fortes elementos de que poderemos dispôr, na obra ingente da grandeza do Brazil.

Para não irmos muito longe sobre a utilidade indiscutivel de tão soberana instituição, basta-nos dizer que o escoteiro se obriga, por um juramento sagrado, ao completo afastamento do vicio, o que não será difficil conseguir das crianças, quando sabemos inculcar no seu espirito a doce e reciproca harmonia de affectos que tanto bem vieram trazer á moderna escola, hoje, como nunca, considerada o prolongamento do lar do professor.

O escoteiro evita o prejudicial contacto dos elementos dissolventes e foge á respiração desse ambiente contaminado pela falta de fé, procurando aquecer-se nos lampejos do Sol radioso que surge através da montanha, de cujo cimo vemos o acenar encorajador de Miguelinho e Albuquerque, a quem o Rio Grande do Norte ergueu um monumento eterno.

Mocidade da minha terra, vamos applaudir amanhã, o desfilar garboso dessas crianças, que estão a dizer-nos, no seu riso innocente, o que pensam e querem para o Brazil.

Voltemo-nos para ellas que são mais felizes do que nós. Ouçamos as palavras que ellas vão repetir ante a Bandeira, e veremos como em tudo se faz sentir a Patria reviver.

Oh! crianças felizes, como invejamos não ter a vossa idade, plantas viçosas, cujo perfume nos embriaga no santo e fecundo amor desta terra querida, cortada pelas aguas buliçosas do Potengy, «onde outr'ora reflectia-se o vulto santo de Miguelinho».

Oh! escoteiros da minha terra, dentre os quaes vejo crianças que são meus discipulos, eu vos applaudo e bemdigo, rebentos seivosos da grande arvore do Progresso.

Como nos conforta assistir ao vosso altivo caminhar em procura do bem!

Como nos orgulhamos, contemplando felizes as vossas mães carinhosas, durante o vosso desfilar, após a sublime promessa que ides fazer deante da Bandeira «de proceder, em todas as circumstancias, como homem consciente dos seus deveres, leal e generoso»!

Eu vos saúdo, futuro grandioso do meu Brazil; eu vos contemplo, oh! jovens escoteiros, como a aurora do grande resurgimento da Patria muito amada.

CORREIA SOARES.



## AVÉ, MIGUELINHO!

---

*Nas festas promovidas pelo Instituto Histórico, no primeiro centenario do sacrificio glorioso do immortal Rio Grandense do Norte.*

---

Nessa augusta missão, nesse commettimento,  
— Aureo sonho de luz para o bem do futuro,  
Palpita um idéal, um sentimento puro,  
Ha um exemplo de amôr, um grande ensinamento!

Quer cumprir o dever, repelle o ser perjuro...  
Pela causa que ampara, é nada o seu tormento!...  
Na intangivel região de um alto pensamento,  
Miguelinho apparece immutavel, seguro!

Dos faustos do palacio ao albergue mais rude,  
Seu nome deve ser um forte baluarte  
Em pról do amor, do bem, da mais santa virtude!

Como honroso padrão, devemos todos nós,  
Divulgar, praticando aqui e em toda parte,  
As formosas licções, os feitos dos heróes.

JOÃO SOARES

# Material Pedagógico

## PARA OS GRUPOS ESCOLARES

Um globo geographico, (grande) um mappa da terminologia geographica, um mappa da America do Sul, um da America do Norte, um da Europa, um Mappa-Mundi, um de Cosmographia, um de figuras geometricas, um contra o Impaludismo, um contra a Febre-amarella, um do Brazil, uma carta, de Parker, de Arithmetica, uma collecção de mappas do corpo humano (12 mappas) uma collecção de solidos geometricos, uma regua T para quadro negro, um transferidor (idem) um compasso para giz, um mappa do systema metrico, uma caixa do systema metrico (completa) uma collecção de quadros das quatro estações do anno, uma collecção de mappas das quatro regiões da Terra, seis caixas de giz branco, duzentos alphabetos de papelão para linguagem.

A REVISTA DE ENSINO se offerece para facilitar Grupos Escolares do Estado, a aquisição de todo o material acima pela importancia de 550\$000, preço dos catalogos das casas fornecedoras, não cobrando por isto nenhuma commissão.

## PEQUENOS ECHOS

O sr. Luiz Soares é uma das vocações pedagogicas mais definidas do nosso magisterio. Mal concluiu o curso de normalista, solicitou uma das cadeiras vagas no interior, ao envez de permanecer na inactividade, aguardando vaga na capital, como fizeram outros collegas de seu tempo.

O governo lhe deferiu o requerimento, mandando-o servir no Martins, de onde foi transferido para o Assú, sua terra natal. Quer no grupo escolar «Almino Affonso», quer no grupo escolar «Tenente Coronel José Correia», o joven professor distingui-se pela competencia e pelo gosto com que exerceu o magisterio. Neste particular elle realiza o typo ideal do professor primario inteiramente devotado á escola e ás creanças, ensinando, não apenas porque é o seu dever de funcionario do Estado, mas principalmente e sobretudo porque, ensinando, satisfaz uma das

necessidades do seu espirito. É tão accentuada essa vocação no sr. Luiz Soares, que, se não fôra elle professor publico, sel-o-ia fatalmente mestre-eschola, e como tal reuniria por mero prazer as creanças da visinhança, para lhes ensinar o a—b—c com o mesmo carinho com que, pago pelo Estado, lecciona o programma adoptado para os cursos primarios officiaes.

Manda a verdade dizer que o professor Luiz Soares não é inteiramente um subordinado á burocracia pedagogica. Elle tem iniciativas proprias, algumas das quaes tidas por ingenuas, mas outras de real valor e de grande proveito á educação intuitiva e civica das creanças.

As primeiras pertencem aos primeiros annos de seu professorado nos grupos referidos, prematura revelação de seu pendor pedagogico. Agora que suas idéas se fizeram mais nítidas pelo tirocinió e pelo estudo, essas iniciativas adquiriram um cunho pratico de cujos resultados muito teem a esperar os alumnos matriculados no grupo escholar «Frei Miguelinho», de que é director.

Este grupo, como se sabe, está situado num dos bairros mais pobres da cidade. Os que o frequentam são na sua quasi totalidade filhos de operarios, de vendedores ambulantes, de lenhadores e até de mendigos. A situação dessas pobres creanças já foi objecto de um minucioso commentario nesta mesma columna, que seria demasia reproduzir. O que ha agora de interessante no facto é a nitida comprehensão que delle teve o professor Luiz Soares e o modo como procurou remediar as precarias condições economicas de seus alumnos.

O meio que lhe occorreu não podia ser mais feliz nem mais dignificador do que foi, creando a Associação Cooperativa e de Mutualidade com o concurso dos proprios alumnos, a quem por essa forma se dá uma formosa e fecunda lição de solidariedade humana e ao mesmo tempo a noção de economia que não temos, pequenos e grandes, por isso que, ao lado da Cooperativa, funciona uma caixa de depositos onde cada alumno recolhe pequenas quantias disponiveis, destinadas á formação de um peculio que será entregue no fim do anno lectivo.

Esta economia annual proporcionará a muitas creanças o prazer de comparecerem á festa de premiação escholar e da qual o anno passado tantas ficaram privadas á falta de vestuario. Foi com verdadeiro desgosto que ouvimos chamar os nomes de algumas creanças laureadas, ausentes daquella festa não por molestia, mas precisamente pela vergonha de se encontrarem entre as outras, em dia de festa, com os pobres vestidos e o calçado rôto do uso diario.

Outra providencia incluída como um dos deveres da Asso-

ciação é a visita bi-semanal aos alumnos doentes para que não lhes falte o necessario.

O dr. Varella Sant'Iago, correspondendo ao appello que lhe foi dirigido, promptificou-se a soccorrer as creanças enfermas e pharmaceutico Joaquim Torres despachará gratuitamente o receptuario prescripto, mediante o attestado de pobreza do doente a que se destina, passado pelo respectivo director. A mesma formalidade é indispensavel para a acquisição pelo custo de medicamentos nacionaes e estrangeiros naquella acreditada pharmacia.

O gesto de bondade dos drs. Varella Sant'Iago e Joaquim Torres bem o merecia ser imitado pelos collegas aliás com diminuto sacrificio, pois, é bem de ver, que subdividido por todos o beneficio, pouco ou quasi nada pesaria sobre cada um.

A Associação obteve tambem a assistencia-judiciaria dos drs. Moysés e João Soares para os associados e em tempo opportuno promoverá o registo de nascimento das creanças matriculadas no grupo escolar «Frei Miguelinho» e a quem a desidia paterna haja privado desse acto indispensavel á vida civil.

O professor Luiz Soares, que pensou e está praticando tantas coisas boas e bellas, vae egualmente diffundir o ensino civico, historico e geographico de seus alumnos por meio de licções que illustrará com projecções luminosas, gravando assim mais proveitosa e duradoiramente na memoria das creanças os factos e episodios de suas prelecções.

O professor Luiz Soares adquiriu, assim, pelo proprio esforço, intelligente e proficuo, uma individualidade propria como educador em nosso meio, e nestas linhas cumprimos o grato dever de lhe mandarmos o nosso sincero parabem com muitos votos para que tão bello exemplo fructifique, estimulando em outros collegas o gosto e o amor por iniciativa desse alcance pedagogico, moral e civico.

(D'A Republica de 7 de Abril de 1916.)

---

## Centenario de Miguelinho

---

No dia 12 do corrente tiveram logar as grandes festas civicas promovidas pelo benemerito Instituto Historico e Geographico do Estado, em commemoração á passagem do primeiro centenario da morte gloriosa do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o Frei Miguelinho.

Pela manhã foi celebrada uma Missa Campal pelo Mon-senhor Alfredo Pegado e á tarde realisou-se a grande procissão

cívica em que tomaram parte todas as escolas publicas e particulares, associações literarias, e religiosas, etc. formando um enorme cortejo nunca visto em Natal.

Durante o trajecto falaram varios oradores.

Na praça André de Albuquerque foi inaugurado o monumento de granito mandado construir pelo Instituto, falando nessa occasião o festejado homem de lettras dr. Henrique Castriciano, cujo discurso publicamos adeante.

Damos aqui as inscrições do monumento com a respectiva traducção.

(INSCRIPÇÕES)

MICAEI J. DE ALMEIDA CASTRO  
ET  
ANDREAE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO  
MULTA PRO PATRIA LIBERTATE PASSIS  
QUAM ET FORFITER MORIENDO EXTULERUNT

CONCIVES SUI  
CENTESIMO OCCURRENTE ANNO  
HOC MONUMENTUM  
POSTERIS COLENDUM  
EREXERE

—  
XVII—XII—MDXCVII

EXPUGNATORUM HUC  
DUCE E. MASCARENHAS HOMEM  
APULLIT CLASSIS  
QUI HANC PRIMI  
REGIONEM OCCUPARUNT

(TRADUCÇÃO)

A Miguel J. de Almeida Castro  
e  
a André de Albuquerque Maranhão  
Que muito soffreram pela liberdade da patria  
A qual, morrendo valorosamente, exaltaram  
Seus concidadãos  
Erigiram este monumento para  
Ser venerado pela posteridade.

—

XVII—XII—MDXCVII

17 de Dezembro de 1597  
Aqui aportou a expedição  
dos exploradores que, guiados  
por E. Mascarenhas Homem,  
primeiro occuparam esta região.

Os habitantes do bairro do Alecrim adheriram gostosamente ás homenagens civicas, illuminando as frentes de suas casas e embandeirando varias ruas, salientando-se a rua Borborema que se achava vistosamente ornamentada.

Logo ás 5 horas, houve alvorada em frente ao Grupo Escholar "Frei Miguelinho" pela banda de musica de Nova Cruz, tocando-se uma salva de 21 tiros.

Os alumnos do Grupo "Frei Miguelinho" desceram formando um prestito de 178 crianças, puxado pela banda de musica da Eschola de Apprendizes Marinheiros e acompanhado pela de Nova Cruz.

As crianças conduziam bandeirinhas branco-azul, formando um grande cortejo que era acompanhado por crescido numero de pessoas.

Á noite, o Bairro do Alecrim offerecia um aspecto agradável, graças ás lanternas multicores, que illuminavam as frentes de quasi todas as casas daquelle futuroso bairro.

---

## Resenha de Livros

---

O illustrado dr. Fabio Luz, Inspector Escholar no Rio de Janeiro, publicou n' «A Epocha» de 21 de Maio, diario que se publica naquella cidade, o seguinte sobre a «Hora Litteraria» em beneficio da caixa escholar do Grupo Frei Miguelinho:

*Hora litteraria*—segunda parte do programma da festa realizada no theatro Carlos Gomes, na noite de 7 de setembro, em beneficio da Caixa Escholar do Grupo Escholar «Frei Miguelinho»—Natal—1916.

A hora litteraria foi organizada por um benemerito da instrucção publica—Luiz Correia Soares de Araujo, director do Grupo Escholar «Frei Miguelinho». Auxiliado pelo abnegado espi-

rito do dr. Henrique Castriciano, conseguiu levar a effeito a festa de que tenho noticia pelo folheto acima indicado, festa cujo producto foi applicado á caixa escholar do grupo.

No programma da festa, diz Correia Soares, tiveram a *fortuna de ver incluído o que de melhor possui as letras potyguares*. Presidiu-a o illustrado dr. Meira e Sá. Constou o festival, honrado com a presença do dr. Ferreira Chaves, governador do Estado, de um bem organizado programma musical e litterario, tendo pronunciado uma conferencia o dr. Meira Sá, sendo recitados versos de Ferreira Itajubá, Palmyra Wanderley, Francisco Palma, Oscar Brandão, Ponciano Barbosa, Barreto Sobrinho e Meira e Sá.

O soneto de Ferreira Itajubá vale a pena ser transcripto e divulgado:

## MARIA

Sobre o rio gazil dos meus alexandrinos  
 Inspirados na luz da tua mocidade,  
 A escuma verde-mar dos meus sonhos alpinos,  
 Todas as noites vae para a felicidade. . .

Quando chega no porto, os teus olhos divinos  
 Voltando-se para os meus, aleijando a saudade  
 Que levo e então, da viola a repetir-lhe os hymnos  
 Cânto-te, novamente, as canções da amizade.

Seis mezes, hoje, assim de noites venturosas  
 O céu—a nos cobrir de lenções estrellados,  
 A terra a nos forrar de tapetes de rosas!

—E, praza a Deus que nunca, em dia de procella,  
 A' sombra do beiral dos sonhos enflorados,  
 Chores, vendo na praia os destroços da véla!

Que os sacrificios e os trabalhos para organização de tão bello festival tenham levado á Associação Cooperativa e de Mutualidade do Grupo Escholar «Frei Miguelinho», farta colheita de beneficios.

FABIO LUZ.

# O CENTENARIO DE MIGUELINHO

*Discurso pronunciado pelo Dr. Henrique Castriciano ao ser inaugurado o monumento em homenagem aos heroes da revolução de 1817, na Praça André de Albuquerque, no dia 12 de Junho de 1917.*

SENHORES!

Eis-nos enfim chegados... E, ao chegarmos, sinto o mesmo deslumbramento daquella inolvidavel manhã de 12 de Junho de 1906, em que o Instituto reuniu, como hoje, quasi toda população da Cidade em torno da memoria de Miguelinho.

Quando, então, a dous passos deste obelisco, um padre resava ao altar em lembrança do Martyr, as innumeradas pessoas que assistiam ao acto, viram descer do firmamento o brilho de um arco-iris, envolvendo no mesmo esplendor este outro arco-iris, o da bandeira de dezasete, symbolo das aspirações de tantos heroes trucidados pela independencia brasileira e a imagem do Nazareno, crucificado ha vinte seculos pela liberdade humana.

Dir-se ia um halo de fé e de esperança, a irradiação de um milagre interior, desses de que falam as lendas de todos os povos, reproduzidos no inicio e no fim dos periodos ciclicos da historia, quando a propria natureza parece cheia dos presentimentos e augurios das multidões.

Vede agora mesmo como a alma profunda das coisas encontra-se com a do povo neste logar sagrado, por assim dizer o coração de nossa terra a palpitar ancioso, procurando desafogo ás recordações deste dia.

Aqui, tudo nos fala do passado, principalmente neste minuto historico.

Daquella casa foi arrastado, ha cem annos, trahido, apunhalado, já em agonia, o bom André de Albuquerque; no trecho em que vos dirijo a palavra, José Peregrino, o parahybanos de quem os rio grandenses do norte se lembrarão sempre com infinito reconhecimento, o esteve guardando em companhia de outros valentes; daqui se avistava naquella epocha a Fortaleza dos Reis Magos, onde se apagou nas trevas de um subterraneo a vida honesta do primeiro destes dous heroes; e, vendo a Cathedral, defronte, alongando serenamente o olhar de pedra sobre as colinas, sobre as dunas, sobre o oceano inquieto, lembro-me que esse olhar é o mesmo que ha tres seculos acompanha, sorrindo ou chorando, a existencia da Cidade e que ha cem annos viu



passar amortalhado numa esteira o cadaver de André de Allquerque, depois de ter contemplado o vulto de Miguelin afastando-se para sempre de nossa terra, ainda creança e nimbado pelo fulgor de um além tumulo glorioso.

Estamos, sim, num lugar sagrado.

E se é verdade que os vivos são e cada vez mais governados pelos mortos não nos trouxe o acaso, mas os dous re-vivos norte rio grandenses.

Somos uma pequenina porção da Humanidade em marcha para o desconhecido, um instante acampada junto ao obelisco de cuja sombra vejo sahirem essas duas sombras eternas, abrindo-nos os braços num gesto evocativo e dizendo que os immortaes resurgem nos dias culminantes da Patria e ai! das nacionalidades que lhes não querem ouvir o grito de angustia de alerta...

Quando lemos a historia dos bravos de 17, por mais desalentados que estejamos, percebemos no intimo o renascimento da coragem dos antepassados e o orgulho de pertencermos especie humana.

Em cada pagina, nos sorri um desses raros typos que os romanos cultuavam dentro de cidades santas como templos; nos enche de alegria o calor daquelles simi-deuses ao enfrentarem as forças mysteriosas do Destino, as unicas forças dignas delles — por serem invenciveis.

Ao chegarmos ao fim da tragedia quando averiguamos confusão e a dispersão de tudo, gera-se-nos no espirito, ainda assim a consoladora certeza de que a propria fatalidade nada pode contra a vontade humana, se conduzida para o bem: perseguidos, trucidados, sepultos, os heroes não apodrecem, reproduzem-se nos exemplos que deixam ou desfazem se em clarões de lenda assim como os astros, mesmo extinctos, continuam a illuminar o espaço durante seculos e seculos.

João Ribeiro, coração de sabio e de forte, apressando a agonia pelo suicidio para não assistir á agonia da Republica; Domingos Theotonio, entregando ao povo os filhos miserrimos e brandando do alto do cadafalso que o tumulo o não assustava, mas o juizo dos posterios; José Peregrino, alma antiga de espartano, cedendo aos rogos do pai desvairado a existencia que bem sabia terminada ao entregar as armas aos desleaes inimigos; o padre Roma, lançando ao mar os papeis que lhe haviam confiado, para não comprometter ninguem, isto é, pensando mais nos outros do que em si na occasião do perigo extremo; João do Rego Dantas, respondendo ao pae de sua mulher, — que o podia salvar, por ser lusitano de origem e servo leal do rei — preferir a morte com todos os horrores á mancha indelevel de

traiador ao Brazil; Domingos Martins, despedindo-se, num sonebuto admiravel, da esposa e da patria, com as quaes, ao pé do supplicio, repartia o coração de lidador; Miguelinho, o sereno, e jo estoico, o santo, queimando para salvar os adherentes do novo regimen, durante uma noite, os documentos que tinha em seu poder e após desviando sem hesitar a mão do Conde D'Arcos que se estendia para o arrancar da sepultura; os proprios soldados — é preciso não esquecer os humildes nas horas de reparação e justiça! — obscuros e rudes obreiros da Revolução, escolhendo de grande distancia o cofre do Thesoiro e entregando-o intacto, aos adversarios vencedores, tudo sob a suggestão dos conselhos do bravo Manoel de Azevedo, que lhes fizera vêr o opprobrio que recahiria sobre os pernambucanos se fossem roubados os dinheiros publicos; todos elles, todos os agentes de tão nobre affirmação do character nacional, embora vencidos naquella epocha, apressaram o advento da Independencia, mudaram o curso da historia brasileira, — tal como essas correntes ou antes como esses rios que nascendo invisiveis nos mares, os aquecem, os dominam, os rasgam, os vencem — acabando por transformarem a paysagem e o clima dos continentes onde passam...

Aquelles grandes mysticos tinham o que hoje desgraçadamente nos falta: um ideal.

A imagem da patria, collocavam-na acima de tudo, confundiam-na com a de Deus. Victoriousa á revolução, os membros do governo provisorio, em vez de exercerem odios e vinganças, mandam rezar um «Te Deum»; ao pé do altar, a palavra de Miguelinho, interprete divino da sinceridade geral, sobe ao firmamento, num aneio de prece, entre nuvens de incenso, pregando a união de todos; e, mais tarde, decretada a bandeira que ahi vêdes, o deão da Cathedral de Sto. Antonio, no Recife, soleniza religiosamente o acontecimento, derijindo-se á multidão na linguagem tocante e ingenua de um heróe da Illiada: «o nosso pae que está nos céos creou livres todos os homens!»

Eis porque, decorrido um seculo, nos encontramos á sombra do modesto monumento que o sr. Presidente do Instituto vae entregar ao Municipio. Somos, já o disse, uma pequenina parcella do genero humano em viagem para o desconhecido e é consolador meditar aqui um momento em companhia dessas figuras de epopéa, cujo exemplo nos dará coragem para continuar a infinita jornada sem indagar se haverá urzes no caminho — á semelhança do Ashverus de Edgar Quinet, encarnação luminosa da propria Humanidade. E porque vos não lembrar essa pagina fulgidissima do escriptor francez, onde elle pinta em traços eter-

nos a ancia do homem deante do perpetuo *devenir* do Univer- e da Historia, se todos nós, vagas da eternidade um momen- paradas á beira deste symbolo, soffremos a mesma pena e não poder attingir a perfeição moral de Miguelinho e de outros vultos excelsos da Espécie?

Estamos, seguindo o poema de Quinet, no fim dos Ten- pos. Vão ser julgados os mortos na hora extrema do Planeta. Na nos Sêres a concentração do ultimo instante, quando a me- moria recapitula as emoções de todas as creaturas que palp- taram na Terra. Trazendo na retina a imagem de innumeradas civi- lisações passadas e no intimo a lembrança de millenios e mile- nios desfeitos em poeira, é perdoado o lendario peregrino ac- dizer que exgottou as lagrimas que lhe deram os fados. Então poderia rever, se quizesse, a sua antiga morada do Oriente. Mas o pobre redimido é a Humanidade: presentindo, lá em cima a rotação de mundos innumeraveis, roga á Piedade Suprema a tortura de caminhar ainda, de mergulhar os pés doridos na po- eira das estrellas, de subir, subir sempre, de universo em univer- so, de esphera em esphera, sem descer jamais, até ver a fonte de onde jorram as idades...

Perdoae-me, senhores, essa reminiscencia de um dos gigan- tes do Romantismo. Sempre que falamos ao povo se faz preci- so, na apagada e vil tristeza d'agora, voltar a elles deliberada- mente, porque somente elles, depois dos epicos, souberam for- mar titans do oiro das lendas; e, além disso, estamos com cer- teza no fim de um mundo. Vão morrer as autocracias, a organi- zação social dos povos vae ser fundamentalmente modificada: tudo annuncia uma nova era, quer para as nacionalidades que morre- ram e estão resurgindo, quer para as que ainda não viveram e desejam ascender, como o Brazil...

Ha quatrocentos annos eramos o cháos; dentro da nossa alma havia somente a da floresta virgem, emquanto lá fora a cultura greco-romana esplendia na belleza eterna da Renascen- ça. Não tivemos medo; seguimos o caminho traçado pelo genio das raças que nos formaram.

Pouco a pouco, deixámos a sombra da selva primitiva, conquistámos nosso lugar ao sol.

Vamos subindo embora lentamente. Tão cêdo não galga- remos o cimo da montanha, mas, na altura a que chegamos, já podemos abrir os olhos á claridade dos horizontes e vêr agra- decidos os descobridores, os athletas anonymos dos primeiros dias, os bandeirantes, os guerreiros, os legionarios da Indepen- dencia, da Abolição e da Republica, — sobretudo vêr os marty- res fuzilados ou pendurados nas forcas, como pontos luminosos de interrogação entre o passado e o futuro.

São quatrocentos annos de glorias, onde ha cruces mas não ha vilezas, a nos lembrarem neste momento unico, na historia do mundo, que pertencemos á Humanidade e que esta, ainda agora, depois de millenios de luctas e soffrimentos, rotas e ensanguentadas as vestes, caminha, caminha, caminha...

No espirito de todos nós andam graves presentimentos: ninguém deseja essa horrivel abominação que é a guerra, mas se a ella nos conduzir o determinismo da Historia, por Deus! sejamos dignos!

E voltemos desde logo ao civismo de nossos avós, deixando de vez a inexplicavel descrença de hoje, essa falta de fé em tudo, esse habito de zombar das coisas mais santas, essas fealdades que estão soterrando o immenso thesoiro de bondade do coração brasileiro.

Elevemos-nos até os antepassados cuja sombra estamos evocando; elles nos dirão eternamente as palavras reveladoras da abnegação, da bravura, da esperança!

## DISCIPLINA ESCHOLAR

### DISCIPLINA E DIRECÇÃO DA CLASSE

#### Disciplina em geral

A disciplina é a parte da educação que, por um lado, assegura immediatamente o trabalho dos alumnos, estimulando o seu zelo, mantendo a ordem na classe e, por outro, vizando um fim mais remoto e mais elevado, evita ou reprime os desvios da conducta e tende á formação de espiritos rectos, caracteres energicos, capazes de se conduzirem na vida.

#### Direcção da classe

Vejamos quaes as condições precisas para uma boa direcção e como determinar os meios de conseguil-a.

O silencio e ordem não são os unicos meios de disciplina. Só constituem, na verdade, os signaes exteriores de qualidades mais importantes, a attenção, a docilidade e a actividade methodica, que por vezes simulam, mas nem sempre garantem. Ha classes em que impera um silencio profundo e onde os alumnos não são attentos, não trabalham; outras, apresentando aparentemente uma ordem admiravel, não têm vida. O professor lembrar-se-á sempre que não é sufficiente a simulação de obediencia e da applicação: deve trabalhar para conseguir a verdadeira obediencia e a verdadeira applicação.

## Asseio, livro, mobilia escolar

cios de uma classe bem dirigida.

Além disso, o asseio dos alunos, o bom estado dos cadernos e dos livros, a boa conservação da mobilia são importantes.

## Polidez

destia, da polidez e do respeito para com todos e, sobretudo, do acatamento que é devido aos mestres.

É também de alta importancia cultivar-se nos alumnos o habito da polidez.

## Recreios

muito menos em brutalidade.

A liberdade, nos recreios, não deve degenerar em desordem, em violencia.

## Entradas e saídas

conveniencia o silencio nas filas e a correcção dos alinhamentos.

Nos movimentos de entradas e saídas, cada professor prestara a maxima attenção á sua classe, sendo de grande importancia a correcção das posições.

## Meios de disciplina

contar sómente com os meios disciplinares effectivos, isto é, recompensas e castigos. É principalmente pela sua acção pessoal que elle conseguirá de seus alumnos os esforços de trabalho e as qualidades de compostura que espera de todos elles.

Um professor bem orientado, para constituir em sua classe os diversos elementos de uma boa disciplina, não pode

## Disciplina preventiva

Não é bastante punir as faltas depois de commettidas; é de melhor alvitre impedir-as por meio de medidas preventivas.

## Gosto de trabalho

boa vontade natural para o trabalho.

Não basta incitar a ciança ao estudo com o estímulo das recompensas; é preciso tentar inspirar-lhe o gosto, a

## Auctoridade do professor

em obter a amizade, o amor do alumno. Cabe lembrar o dito de Socrates a um pae de familia: «Nada posso ensinar a seu filho; elle não me ama!»

Um bom professor conseguirá tudo isso, principalmente pela auctoridade que tiver adquirido. O primeiro ponto está

## Amizade do alumno

affabilidade, pela bondade, por uma doçura familiar que não deve excluir a firmeza muitos castigos tornar-se-ão inuteis.

É muito mais importante captar a sympathia, conseguir a affeição do que infundir o terror em redor de si. Pela

## Discernimento dos caracteres

servem para todas as indoles: para uns, a benevolencia não

É preciso também o professor impôr-se á obrigação de discernir os caracteres. Os mesmos processos não

trará inconvenientes; a severidade será necessaria para outros. Si ha, no mundo, uma sciencia mais difficil que a de governar os homens, é certamente a de governar as creanças: o bom exito depende do conhecimento dos instinctos proprios de cada natureza individual.

### As melhores eschololas

As punições indicam claramente o valor da eschola: a melhor é onde ha menos castigos, pois essa acção pessoal do professor é toda poderosa. De um lado elle sabe, por uma vigilancia activa, prevenir as infracções do regulamento e, vendo tudo, impede a realização da falta. De outro, mercê de

### Actividade do professor

uma operosidade incessante, communiçada a seus alumnos, elle nunca os deixa desoccupados e pelo seu ensino atrahente, pela animação de suas licções, facilmente prende a attenção e obtem um trabalho perseverante.

### Necessidades dos meios disciplinares

Haveria, entretanto, alguma ingenuidade em esperar que se pudesse assegurar a manutenção da disciplina na classe com o uso exclusivo dos meios preventivos, da persuasão, da suggestão moral. A preguiça de certas creanças, sua leviandade natural, por vezes seus maus instinctos bem caracterizados, obrigam os melhores professores a fazer uso quer dos castigos quer das recompensas. Não somos d'aquelles que sonham fazer desaparecer da eschola o temor dos castigos, as incitações do amor proprio e da emulação. Existindo na vida punições e premios e devendo a eschola preparar as crianças para a mesma, não é inconveniente que ella trave quando o mereça, conhecimento com o código penal escholar, ou inversamente, beneficie de certas distincções. É ter uma concepção chimerica da natureza humana, ainda mais chimerica tratando-se da infancia, pretender conduzir os homens unicamente pelo amor do bem e horror do mal.

### Caracter geral dos meios disciplinares

O caracter geral dos meios disciplinares é que se dirigem sobretudo ás faculdades intellectuaes e moraes. Tendem a despertar o sentimento da honra, a idéa do dever, a estimular uma legitima ambição, ou então, appellam para o arrependimento para um sentimento natural de vergonha e actuam pela privação de certas vantagens, por um augmento de trabalho. Nunca alvejarão as unicas faculdades phisicas, e uma idéa moral deverá sempre caracterizar até os meios materiaes de que se lançar mão, quer para punir, quer para recompensar.

### Conselhos sobre a applicação dos castigos

A maneira de inflingir um castigo é mais importancia que o proprio castigo. Sendo applicado sem medida e sem terço, as melhores punições tornam-se más. Quantos conselhos convém lembrar a esse respeito. É principalmente no uso da reprehensão que o professor deve ter tacto e prudencia, pois tendo, infelizmente, demasiadas occasiões de se impacientar, poderia, no primeiro momento de colera e de mau humor, ultrapassar os limites e levar a reprehensão até á affronta, á offensa que ve o amor proprio, que avilta o alumno e faz nascer, não o arrependimento, mas a amargura e o resentimento. Por mais naturaes que sejam taes movimentos de irritação, o professor deve guardar a calma e applicar o castigo com a gravidade, a irpassibilidade de um juiz ao ler uma sentença. A razão deve guial-o, não a paixão.

### Falta duvidosa

Uma outra regra de grande importancia é de nunca punir uma falta sem estar ella bem provada. O sentimento da justiça é muito vivo na creança e o professor, punindo sem razão, perde toda a sua auctoridade.

Não castigemos sem avisar préviamente o alumno.

### Avisos de castigos

Citam-se mestres que não recorre nunca ao castigo propriamente dito por ser sufficiente a simples ameaça. Não imitemos, porém, certos professores que vivem ameaçando, sempre annunciando castigos e nunca os applicam. Sendo um alumno ameaçado de castigos e perseverando na falta, deve a ameaça ser cumprida sem remissão.

### Caracter das recompensas

A verdadeira recompensa para o bom alumno é, sem duvida, a satisfação do dever cumprido, é a consciencia de ter tirado de seu trabalho um ganho intellectual e, assim como a reprehensão é o melhor dos castigos, as melhores recompensas são a approvação do mestre, seus elogios discretos que, precisamente, estimulam essa consciencia, esse contentamento intimo.

### Recompensas moraes

«As recompensas puramente moraes, diz Marion num relatorio notavel sobre a disciplina dos lyceus, são as de mais alto valor.

Todo educador digno desse nome, todo psychologo sabe que, no fundo são as unicas que possuem verdadeiro poder educativo».

Mais, embora affirmando a superioridade de taes recom-

ter  
tigo  
cr  
n-s  
em  
sã  
eliz  
pri  
li  
ex  
re  
tu  
ve  
m  
ve

penhas, embora desejando que se possa desenvolver bastante moralidade na consciencia das creanças, para que chegue a parecer-lhes sufficiente a satisfacção ligada a um acto considerado bom, somos obrigados a reconhecer que essas recompensas, na pratica, não produzem inteiramente o devido effeito, pois nem todas as creanças têm, e mesmo não podem ter, bastante elevação d'alma para lhes dar o seu justo valor. Em todo caso convém reforçar sua acção, assegurar sua efficacia accrescentando-lhes recompensas materiaes, signaes concretos da approvação do professor.

(Transcripto da "REVISTA DE ENSINO" de São Paulo).

G. COMPAYRÉ. (*Organisation Pedagogique*).

---

## NOTICIARIO

---

Eschola Normal— No dia 13 de Maio, como haviamos noticiado, a Eschola Normal commemorou a passagem do seu 9º anniversario de fundação.

As 17 horas houve uma sessão solenne da Congregação, presidida pelo sr. dr. Manoel Dantas, digno director geral da Instrucção Publica, fazendo uma palestra civica o nosso illustre collega, professor Ivo Filho, lente de Historia da mesma Eschola.

No gabinete do Director foi inaugurado o quadro da turma de professores de 1913, falando nessa occasião a professora d. Anna de Araujo.

O dr. Nestor Lima, operoso director da Eschola Normal, foi muito felicitado pelo brillantismo da festa.

A REVISTA fez-se representar pelo joven professor Oscar Wanderley, nosso digno collaborador.

D. Petronilla Leiros— Passou no dia 28 do corrente o anniversario natalicio da Exma. Sra. D. Petronilla Leiros que durante muito tempo exerceu o magisterio em Natal. Cumprimentamol-a ainda que tardiamente.

Professora Stellita de Paiva— Entrou no goso de 60 dias de licença a professora Stellita Paiva, regente do curso isolado do Grupo Escolar "Frei Miguelinho", sendo substituida interinamente pela senhorita Raymunda Rocha, 3ª annista da Eschola Normal.

Batalhão de Escoteiros— No dia 24 do corrente teve lugar nesta cidade o juramento da bandeira do Batalhão dos primeiros escoteiros, organizado



pelo exmo. dr. H. Castriciano e instruído pelo incançável capitão de corveta Monteiro Chaves.

Formaram 76 creanças que desfilarão garbosamente pelas ruas da capital, puxadas pela banda de musica de Aprendizes Marinheiros.

Depois do juramento, que teve logar na Praça 7 de Setembro, falou da varanda do Palacio do Governo o nosso digno collaborador, dr. Moysés Soares, que proferiu brilhante e patriótico discurso.

Os dignos dr. H. Castriciano e capitão Monteiro Chaves foram muito cumprimentados pelo grande triumpho que obtiveram na formatura do primeiro Batalhão de Escoteiros do Rio Grande do Norte.

A Reforma do Ensino— Já está prompta a impressão da Lei n. 405 de 29 de Novembro do anno passado, que reforma o ensino primario e profissional do Rio Grande do Norte.

É uma brochura de 94 paginas, contendo tambem um ligeiro commentario sobre os diversos serviços creados pela nova lei.

No proximo numero publicaremos um longo artigo, fazendo a nossa apreciação sobre a Reforma do Ensino.

Instituto Internacional de Educação— O illustre dr. Laudelino Baptista, director do Instituto Internacional de Educação que funciona em Petropolis, Rio de Janeiro, enviou ao nosso director uma photographia do seu conceituado Instituto, acompanhada de varios prospectos contendo minuciosas informações sobre o funcionamento dos diversos cursos.

Grupo Escholar "Frei Miguelinho"— O professor Luiz Soares, director do Grupo Escholar "Frei Miguelinho", recebeu do sr. conego Estevam Dantas, secretario do Instituto Historico, um officio agradecendo o comparecimento do Grupo nas festas do centenario do glorioso Miguelinho.

Nesse officio o sr. conego Estevam communica ao professor Luiz Soares que o Instituto resolveu em sessão de 17 do corrente, inserir na acta dos respectivos trabalhos, um voto de agradecimento, congratulações e louvor a todos quantos contribuíram para o brillantismo das festas commemorativas do martyrio de Frei Miguelinho e André de Albuquerque.

Errata— Em o nosso numero passado, no relatorio do Passeio Escholar, sahiram os seguintes erros; *Revele-me* em vez de *Releve-me*. *A petizada regorgitava nos salões*,

em vez de: Os salões regorgitavam da petizada, etc. além de outros que o benevolo leitor corrigirá.

**Offertas** — O sr. Romualdo dos Santos, digno proprietario da Livraria Catilina, da Bahia, teve a gentileza de offerecer ao nosso director um exemplar das "Leituras Civicas" do illustre professor Borges dos Reis.

É um trabalho dividido em sete capitulos: O territorio, o descobrimento, as raças, a historia, a organização social e politica, o desenvolvimento economico, o civismo.

As "Leituras Civicas" é um livro escripto em linguagem facil e muito util ás escholas primarias

**Visita** — Em companhia do nosso digno collega, professor Amphiloquio Camara, visitaram o Grupo Escholar "Frei Miguelinho" os jovens e distinctos jornalistas drs. Americo Netto e Deoclecio Duarte.

Os illustres visitantes percorreram as varias escholas de que se compoem o Grupo, assistindo ás aulas, observando varios trabalhos das alumnas e manifestando ao professor Luiz Soares, director do mesmo Grupo Miguelinho, a mais agradável impressão durante a visita.

O professor Luiz Soares foi retribuir e agradecer aos illustres drs. Americo Netto e Deoclecio Duarte a visita que se dignaram fazer ao Grupo Escholar sob sua direcção.

**Eschola de Apprendizes Marinheiros** — Deixou o commando da Eschola de Apprendizes Marinheiros o nosso digno amigo e grande servidor do Rio Grande do Norte, Capitão de corveta Monteiro Chaves que foi substituido pelo digno Capitão Tenente Alvaro Souza, a quem enviamos os nossos cumprimentos.

**Liga da Defesa Nacional** — Recebemos varios prospectos explicativos dos nobres fins da Liga da Defesa Nacional, corporação que tem a sua séde no Rio de Janeiro, á rua do Ouvidor n. 89.

Entre os folhetos recebidos, temõs uma brochura contendo os discursos de propaganda pronunciados pelo poeta Olavo Bilac, a alma que se tem feito apóstolo dessa campanha sublime que visa a grandeza do Brazil.





## DR. VARELLA SANTIAGO

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e viajado por varias cidades da Europa onde aperfeiçoou os seus estudos.

### Praça Augusto Severo

É o medico das creanças amparadas pela Associação Cooperativa do Grupo Escolar

“Frei Miguelinho”.

**Rio Grande do Norte — Natal**

## Pharmacia Torres


DO

## PHARMACEUTICO JOAQUIM TORRES

Rua da Conceição n. 3

É a mais sortida de Natal possuindo grande deposito de medicamentos nacionaes e estrangeiros.

Despacha todas as receitas com a maior promptidão

 **ABRIKDO A QUALQUER HORA DA NOITE**

É a unica Pharmacia que despacha, gratuitamente, as receitas passadas para as creanças pobres amparadas pela Associação Cooperativa e de Mutuality do Grupo Escolar “Frei Miguelinho”.

**Rio Grande do Norte — Natal**

# REVISTA DE ENSINO

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

**DIRECTOR** --- Professor Luiz Correia Soares de Araujo

RUA APODY

Rio Grande do Norte — Natal — Brazil

## ASSIGNATURAS

Por semestre . . . . . 3\$000  
Por anno . . . . . 5\$000

Numero avulso, \$500

## AGENCIAS NO INTERIOR

ASSÚ — Prof. Antonio Fagundes  
CAICÓ — Dr. João Vicente da Costa  
MOSSORÓ — Prof. Elyseu Vianna  
MARTINS — Prof. Abel Furtado  
CANGUARETAMA — Prof. José Rodrigues Filho  
S. JOSÉ DE MIPIBÚ — Prof. Severino Bezerra  
MACAHYBA — Prof. Bartholomeu Fagundes  
MACAU — Major Lopes Filho  
NOVA CRUZ — Professora Maria Antonia  
CARAÚBAS — Prof. Pedro de Oliveira  
SANT'ANNA DOS MATTOS — Coronel Antonio Carvalho  
VILLA PEDRO VELHO — Professora Adelina Fernandes  
PATÚ — Major João Carlos  
LUIZ GOMES — Prof. Manoel Jacomé

É nosso representante perante a Directoria Geral  
da Instrucção Publica o major Jozé Julio

É nosso unico procurador na Capital o normalista  
Nathanael de Araujo Soares — Rua Padre Pinto N. 42

A "Revista de Ensino" não publicará artigos  
que estejam em desaccordo com o seu  
programma de bem servir á  
causa da instrucção